

Violência intrafamiliar e transmissão psíquica no contexto em que sonhos e atividade lúdica são expressões do corpo familiar: estudo de caso

Intrafamily violence and psychic transmission in the context in which dreams and playful activity are expressions of the family body: case study

Maria Luiza Dias¹

Resumo

Este trabalho, utilizando-se de referencial psicanalítico, discute o processo de atualização dos conflitos psíquicos transgeracionais no corpo do(s) membro(s) de um grupo familiar como expressão simbólica do mundo psíquico representacional coletivo. Parte da visão que o corpo individual, em suas manifestações somáticas, expressa conteúdos compartilhados por toda unidade familiar, levando o fenômeno de uma esfera intrapsíquica a outra inter-relacional e transpsíquica. Como estratégia de desenvolvimento temático, será apresentado um caso clínico em que a mãe relata sonhos nos quais, sucessivamente, acorda alarmada e assustada, com manifestações corporais incluindo taquicardia e desconforto físico. Assim, neste estudo de caso, os sintomas físicos e a atividade onírica podem ser entendidos como um evento intra, inter e transpsíquico expresso no contexto da família. Este atendimento clínico foi desenvolvido com a mãe individualmente e em conjunto com seus filhos, tendo a mãe cedido um Termo de Consentimento para esse trabalho, que focaliza o desenho das crianças e expressão na atividade lúdica que, em consonância com os sonhos da mãe, expressam a dinâmica psíquica vivenciada na família com o envolvimento de todos no contexto da violência doméstica. Conclui-se que a violência intrafamiliar necessita ser compreendida no contexto inter-relacional e inserida em sua cadeia intergeracional.

Palavras-chave: Violência intrafamiliar. Transmissão psíquica. Atividade onírica. Psicanálise de família.

¹ Psicóloga. Pós-doutoranda no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, Brasil. Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. Coordenadora e docente dos Cursos de Extensão e de Formação em Psicanálise de Casal e Família do Instituto de Ensino Laços Psicologia, São Paulo, Brasil. E-mail: ml.lacospsicologia@yahoo.com.br

Abstract

This paper, using psychoanalytic framework, discusses the process of updating psychic transgenerational conflicts in the body of member(s) of a family group as a symbolic expression of collective representational psychic world. It initiates from the view that the individual body, in their somatic manifestations, expresses shared content by all family unit, leading the phenomenon of an intrapsychic sphere to another inter-relational and transpsychic. As a strategy of the theme development a clinical case will be presented in which a mother reports dreams in which successively wakes alarmed and startled, with body manifestations including tachycardia and physical discomfort. Thus, in this case study, psychosomatic symptoms can be understood as an intra, inter and trans subjective event expressed in the context of the family. This clinical attendance has been developed with the mother individually and together with her children, and the mother gave a Consent Form for this study, that focuses on the children's drawing and their playful activity expression, which in line with the dreams from the mother, express the psychic dynamics lived in the family with the involvement of all in the context of domestic violence. It is concluded that intrafamily violence needs to be understood in the interrelational context and inserted in its intergenerational chain.

Keywords: Intrafamily violence. Psychic transmission. Oniric activity. Family psychoanalysis.

Introdução

A psicanálise corresponde a uma ciência psicológica que focaliza manifestações inconscientes, funcionando como um método de investigação do mundo mental e propondo uma atividade terapêutica. Como variante da psicanálise que estuda e trabalha com grupos, encontramos a psicanálise que estuda e analisa grupos familiares. Quando o foco está nas relações entre gerações, o tema da transmissão psíquica é focalizado, a que daremos atenção neste trabalho.

Como estratégia de desenvolvimento do tema, apresentarei um caso clínico em que uma mãe enfrentava violência doméstica por parte de seu marido, desde sua segunda gravidez, de uma menina, quando o primeiro filho contava com cinco anos. Esta família foi acompanhada, por mim, até os dez anos desse menino e cinco anos da menina. Esta jovem senhora relatou sonhos nos quais sucessivamente despertava alarmada, em sobressalto, com manifestações corpóreas que incluíam taquicardia e desconfortos físicos. Este atendimento se desenvolveu com sessões individuais com esta mãe e sessões conjuntas dela com seus filhos, quando conjuntamente considerávamos oportuno, devido a preocupações que apresentava em relação a eles. Será focalizada

neste trabalho a expressão gráfica e lúdica das crianças, que em consonância com os sonhos da mãe expressavam um corpo familiar psíquico dolorido com o envolvimento de todos em contexto de violência intrafamiliar. Os sonhos da mãe, o desenho do menino realizado quando ele contava com oito anos (figura humana com marcas nos braços) e o jogo corporal lúdico de polícia-ladrão (na semana em que o ex-marido receberia o mandado de prisão por ter sido condenado por ato doméstico violento) compartilhados nas sessões de análise do grupo familiar serão abordados como expressão de conteúdos psíquicos coletivos.

Tal como propôs Kaës (2004), ao focalizar o sonho de um membro do casal como produção psíquica compartilhada (sendo o sonho do casal e não somente do cônjuge que o relatou), nesta mesma linha, este trabalho se propõe a focalizar os sonhos da mãe, os desenhos do menino e o jogo dos irmãos de polícia-ladrão, como manifestações que saem do campo intrapsíquico movendo-se para expressões da unidade familiar, na esfera do mundo simbólico grupal. Torna-se possível, com a noção de Kaës de espaço psíquico onírico comum e partilhado, portanto, realizar uma leitura dupla do sonho: uma a partir da concepção do sonho como formação intrapsíquica produzida necessariamente por um sonhador individual e outra que interroga

o sonho em suas condições, seus processos e conteúdos, a partir de um espaço onírico comum e compartilhado, denominado espaço intersíquico. O termo espaço psíquico comum e partilhado refere-se, portanto, à atividade onírica que advém de experiência psíquica conjunta, em que mais de um indivíduo singular está envolvido.

Tem-se, nesse momento, por objetivo discutir a visão de que o corpo individual, em suas manifestações somáticas, expressa conteúdos compartilhados por toda a sua unidade familiar, conduzindo o fenômeno de uma esfera intrapsíquica para outra inter-relacional e transpsíquica. Deste modo, um pesadelo acompanhado de taquicardia, por exemplo, como o vivido pela mãe no estudo de caso que será apresentado, passa a ser compreendido como um evento intra, inter e transpsíquico expresso no contexto da família, já que este trabalho aborda o processo de atualização de conflitos psíquicos no corpo de membro(s) de um grupo familiar, como expressão simbólica do mundo psíquico representacional coletivo.

O que fica, neste momento, denominado por níveis de realidade psíquica intra, inter e transpsíquica neste trabalho se alinha ao pensamento introduzido por René Kaës (2009, 2011), correspondendo aos seguintes espaços psíquicos: do sujeito singular, do vínculo e do grupo, dos quais trataremos a seguir.

Vida Psíquica e Intersubjetividade

Compreender os fenômenos em uma esfera intersubjetiva não é uma concepção exclusiva da psicanálise contemporânea. Grandes sementes já haviam sido plantadas no passado. Sigmund Freud (1976), por exemplo, ao procurar compreender como um líder podia arrastar multidões, o que discutiu em seu trabalho *Psicologia de grupo e análise do ego*, tratou de fenômenos de grupo, nos quais, poder-se-ia dizer, que as psiques individuais se tornavam interconectadas, o que para ele se dava por um processo de identificação com o líder do grupo. Freud acreditava, então, que a estrutura libidinal de um grupo é assegurada pelo jogo das identificações com uma figura central, ou derivam de identificações

múltiplas. Ao tratar da vida mental coletiva, apontou que o produto coletivo do grupo pode superar as características dos indivíduos particulares. Freud acreditava que para uma multidão virar um grupo, era necessário que os indivíduos tivessem algo em comum uns com os outros, um interesse comum em um objeto e que cada indivíduo era uma parte componente de numerosos grupos, achando-se ligado por vínculos de identificação. Freud afirma neste trabalho: “Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade” (FREUD, 1976, p. 163).

Falar em uma mente grupal é tema que antecedia o pensamento freudiano, já que Freud, por si mesmo, citava autores de sua época, por exemplo, Le Bon (FREUD, 1976, p. 95). A produção que o sucedeu trouxe novos elementos.

Na escola inglesa, Melanie Klein (1982) propôs o conceito de identificação projetiva, em que objetos internos são projetados sobre outro indivíduo, que os recebe e devolve-lhe também em parte de si mesmo, gerando um tipo de funcionamento interdependente, o qual se cria a partir de um jogo de identificações em que parte da mente de um passa a habitar a mente de outro, a se alojar na outra mente em um intercâmbio em que um é o outro também. Sendo assim, focalizou um fenômeno em que as mentes individuais são flagradas em um tipo de vivência intersubjetiva na qual o fenômeno não pode ser compreendido, se consideramos apenas um indivíduo. Graças a este mecanismo de intercâmbio de objetos, podemos compreender e explicar a constituição de um paciente identificado na família (também chamado de paciente emergente, bode expiatório ou protagonista do problema grupal). Sobre o indivíduo que porta o sintoma são depositados os aspectos indesejáveis e não tolerados do grupo.

Bion (1975) assinalou que os grupos são regidos por esquemas inconscientes que organizam os processos e desenvolvimentos do grupo e orientam os comportamentos de seus membros.

No início de 1948, organizou os seus grupos unicamente terapêuticos, a partir dos quais fez importantes contribuições, gerando concepções originais acerca da dinâmica grupal, ofertando conceituação e designações inovadoras como, por exemplo, os conceitos de espírito de grupo (que unifica e determina a dinâmica do campo grupal); e de mentalidade grupal (um grupo adquire uma unanimidade de pensamento e de objetivo que transcende os indivíduos)².

Na vertente argentina, encontramos em Enrique Pichón-Rivière (1986) este foco, por exemplo, quando propôs os grupos operativos como modalidade terapêutica e tratou dos papéis exercidos por indivíduos em um grupo: o de bode expiatório, porta-voz, líder positivo e líder negativo. Em seu texto *Tratamento de grupos familiares: psicoterapia coletiva* focalizou a técnica do grupo operativo aplicada ao tratamento do grupo familiar e afirmou que, na terapia familiar, a tarefa do grupo é “curar” o paciente sintomático, compreendido como aquele que expressa dificuldades vividas pelo grupo. Cabe lembrar que José Bleger (1977), em sua obra *Simbiose e ambiguidade*, quando tratou do conceito de sociabilidade sincrética, evidenciou a expressão de aspectos trans subjetivos, apontando que dois ou mais indivíduos podiam compor uma expressão psíquica, que os transcendiam individualmente, criando um arranjo no qual as realidades psíquicas dos participantes misturavam-se em uma composição conjunta de natureza simbiótica.

René Kaës (2011), ao referir-se a um aparelho psíquico grupal, fundamentou-o na constituição de três espaços: intrapsíquico/subjetivo (espaço do sujeito singular); interpsíquico/intersubjetivo (espaço do vínculo); transpsíquico/transsubjetivo (espaço do grupo). Kaës propôs que os vários espaços psíquicos (individuais, dos vínculos e o do grupo) acontecem ao mesmo tempo no grupo, sendo que cada um desses espaços contém organizadores

e funcionamentos específicos (uma tópica, uma dinâmica e uma economia). Pensando-se em uma psiquê do grupo e na formação de alianças inconscientes, para este autor, portanto, no grupo, o sujeito se manifesta em seu duplo estatuto: como sujeito do inconsciente e como sujeito do grupo³.

Anzieu (1993, p. 200) apontou o grupo como uma entidade autônoma; propôs os conceitos de ilusão grupal e de envelope grupal. Afirma: “[...] há necessidade de o aparelho psíquico, seja individual ou grupal, se constituir um envelope que o contenha, o delimita, que o proteja, e que permita trocas com o exterior – o que chamei Eu-pele”.

Como visto acima, alguns autores, portanto, puseram o foco em o que acontece quando duas ou mais pessoas se relacionam e produzem uma vida psíquica que as transcendem, como sujeitos individuais.

Corpo e Sintoma

“Quando a boca cala, os órgãos falam, quando a boca fala, os órgãos saram.”

Adalberto Barreto⁴ (2005, p. 65)

Penso que esta afirmativa de Adalberto Barreto nos põe diante das graves consequências que emergem quando conflitos psíquicos não encontram canal de expressão outro, que não a conversão em um sintoma físico. Deste modo, se o conflito não é identificado, representado, expresso em linguagem verbal e resolvido de alguma maneira, o último lugar em que vai se manifestar é no corpo. Neste caso, faz-se necessária uma leitura do sintoma físico no plano do mundo simbólico, na esfera das representações mentais. Como propõe Abram Eksterman (2010), trata-se de “uma transcrição para a linguagem psicológica dos sintomas corporais”.

Nesta direção, constatamos facilmente, que sintomas físicos falam, portanto, de uma realidade intrapsíquica, mas também inter-relacional.

² Consulte Zimmerman (2004).

³ Consulte Kaës (1997, 2005, 2010, 2011, 2017).

⁴ Adalberto Barreto é médico psiquiatra e fundador da Terapia Comunitária no Brasil.

A doença, as manifestações físicas, os sintomas orgânicos, podem ser concebidos como linguagem psíquica e linguagem psíquica grupal, inseridos em uma rede, um sistema, uma unidade em fluxo compartilhado.

Este trabalho considera que a expressão física de um elemento do grupo familiar funciona como o guia que conduz aos conflitos vividos, que urgem por elaboração mental, conduzindo a novas narrativas que auxiliem o sujeito e seu grupo na superação do impasse que o sintoma revela e denuncia.

Corpo Familiar como Linguagem

Esta visão sobre corpo, sintoma e mundo psíquico representacional pode ser conectada à abordagem do corpo familiar, como ficará visível no estudo de caso a ser apresentado, a seguir, neste trabalho. Nesta direção, entende-se que a expressão física e corpórea de um elemento da família se interconecta, se relaciona, com a rede de elementos do grupo familiar, ou seja, pode-se falar que mais de uma pessoa habita um corpo sintomático que clama por busca de soluções e pacificação. Deste modo um corpo singular gera manifestações que podem ser significadas a partir de uma psique comum, grupal, processo que pode ser entendido na direção de que Kaës (2010, 2011) descreveu por aparelho psíquico grupal.

Penso que a produção psíquica coletiva gerada a partir dos membros de uma família pode ser associada à ideia de um corpo familiar simbólico, que irrompe, então, tendo como veículo a expressão de conteúdos compartilhados. Tal manifestação já inserida no âmbito do intrasubjetivo e do intersubjetivo pode ainda ser compreendida, até mesmo, no espaço psíquico transgeracional, como demonstrará o caso estudado, na sequência.

O estudo de caso apresentado, a seguir, busca tratar destes temas, demonstrando o fluxo de um conflito intra, inter e transpsíquico, no corpo de uma família envolvida em violência intrafamiliar. Por meio dos sonhos e pesadelos com manifestações físicas da mãe, veremos a expressão de conflitos que irradiavam por toda a unidade familiar estudada.

O Sonho como Expressão da Problemática Familiar Compartilhada - Estudo de Caso

Um fenômeno torna-se incompreensível, enquanto o campo de observação não for suficientemente amplo para que, nele, esteja incluído o contexto.

Watzlawick, Beavin e Jackson (1993, p. 67)

Pensando o trabalho de análise grupal como um espaço para promover o autoconhecimento e o conhecimento interpessoal, uma família composta por mãe e dois filhos pequenos, vítimas de violência intrafamiliar, por parte do segundo marido da mãe, foi atendida por mim. O que vem abaixo se refere a uma fase do atendimento em que a criança que conheci com cinco anos já contava com dez anos e a criança que me visitou na barriga de sua mãe, já tinha cinco anos. Esta mãe que, a partir de agora vou me referir por Silvia (nome fictício), separou-se do primeiro marido, com quem teve o primeiro filho, um menino, e no segundo casamento teve uma menina. O atendimento, desde seu início, foi realizado alternando sessões individuais com a mãe e sessões que incluíam as crianças, dada a natureza dos conteúdos focalizados.

Contextualizarei resumidamente o cenário deste atendimento, apresentando o intercâmbio familiar em três dos seus momentos, a seguir.

I - A vida com o agressor em casa:

Fui procurada por Silvia (40 anos), que estava a poucas semanas de ter sua menina, encontrava-se grávida de oito meses e meio e vinha sendo oprimida e ameaçada pelo marido. Por exemplo, ele havia quebrado e retirado telefones celulares, de modo que ela não podia entrar em contato com familiares ou amigos, mesmo à beira da ida à maternidade. Quando adentrou a minha sala, passei a vê-la praticamente todos os dias até o parto. As sessões, que ocorriam em meu consultório particular, tinham duração de 50 minutos e posteriormente de uma hora quando havia

a presença das crianças, e seguiam em enquadre de psicoterapia de abordagem psicanalítica.

A mãe de Silvia falecera com 68 anos, de pneumonia, quando ela tinha 32 anos, e embora seu pai fosse ainda vivo, não mantinha contato próximo com ele. Sendo filha única, encontrava-se desprovida de uma rede mais forte, que pudesse apoiá-la, neste momento da gestação e dos conflitos domésticos. Silvia estava casada há um ano e seis meses e já possuía um mandado judicial de afastamento do marido da residência, mas só o utilizou após o início dos nossos atendimentos.

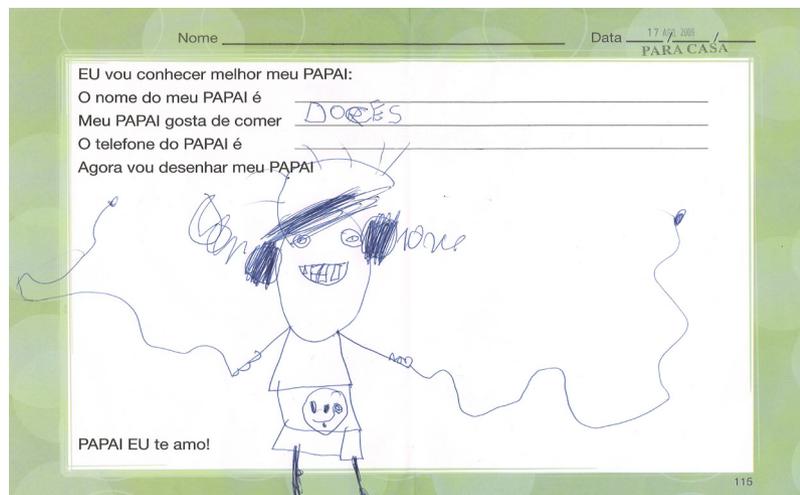
Nesta primeira fase do atendimento, Silvia contou que se lembrou de sua adolescência, fase em que a mãe a sufocava muito, ficava dando comandos: “–*Abaixa esse som. Troca esta música. Não leia este livro. Não saia com fulana*”. Conversamos sobre isto, pois o que ocorria em seu novo casamento, de um modo recriado, remontava esta cena. Seu novo marido decidia sobre o que ela não podia ter; sobre o que podia ou não comprar para o enxoval do bebê; que filmes o menino e ela podiam ou não ver. Seu marido jogou fora diversos brinquedos do menino e, quando contrariado, agia violentamente, tendo o clímax desta investida culminado com uma tentativa de homicídio, quando ele lhe colocou uma meia à boca, no intuito de sufocá-la. O que a mãe lhe fazia simbolicamente, sufocando-a reprimindo sua expressão mais espontânea, o marido fez-lhe

concretamente, tentando impedi-la de respirar. Felizmente, Silvia conseguiu escapar da asfixia.

No meu primeiro contato com o menino, ele se apresentou com um escudo e uma espada de brinquedo, que havia comprado com sua mãe no caminho do consultório. Ofereceu-me um deles para que nos enfrentássemos e respondi-lhe, inicialmente, que não queria lutar. Como insistiu, peguei o escudo, mas rapidamente na primeira investida eu já estava com a ponta de sua espada apontada para a minha barriga, com ele reproduzindo a violência, que já aprendia em casa.

O desenho (Figura 1), realizado na escola a pedido de sua professora, pelo menino que, nesta época, tinha cinco anos, diante dos preparativos para o Dia dos Pais que se aproximava, expõe a transmissão transgeracional de padrões de identificação com conduta violenta. Trata-se de uma figura com chicotes nas mãos. É seu padrasto, e não seu pai, que deixou de visitá-lo quando Silvia engravidou do marido. Cabe ressaltar que o menino, que passarei a chamar por Pedro, preencheu com o nome do padrasto na linha “O nome do meu PAPAÍ é” e o nome verdadeiro de Pedro na identificação. Para preservar a identificação das pessoas, apagou-se eletronicamente o nome do padrasto, além do telefone residencial. Pedro dedicou este desenho ao segundo marido de sua mãe, a quem também chamava de pai.

Figura 1 - Pedro (com cinco anos) desenha seu padrasto, nas proximidades do Dia dos Pais.



Fonte: Dados da pesquisa

Esta fase do atendimento foi largamente discutida em artigo que tratou da transmissão psíquica geracional da violência, de onde o desenho acima foi extraído (DIAS, 2010).

A saída do marido da casa deu-se após a segunda sessão, esta em que Pedro fez o desenho, pois ela o trouxe por não ter com quem deixá-lo, instaurando a sessão familiar com ela, o filho e a filha, ainda carregada na barriga.

Cabe lembrar que a criança tende a reproduzir o que aprende no ambiente em que vive com suas figuras significativas, em geral seus pais. Chega ao mundo sem poder dar conta de suas necessidades até muito básicas e conta com que um adulto possa adequadamente cuidá-la. Via processos identificatórios vai incorporando repertório a partir do que vive e observa dos demais, tendendo a aprender modalidades de ação no mundo, presentes no campo psíquico de sua família. Apesar do afastamento de seu padrasto de casa, é possível observar que Pedro já internalizou o padrão da violência presente em sua família, tanto é que em seu desenho, a figura é flagrada com chicotes nas mãos. A imagem constituída com dentes expostos e em postura de agressor pode representar uma condensação de todos os elementos do grupo: é o padrasto, a quem ele dirige o desenho; é também a mãe porque a figura possui um bebê na barriga; é o bebê, que chegará ao mundo que tem chicotes; é ainda ele próprio, que foi o mentor do desenho.

II - Afastamento conjugal, aproximação do genitor após residência em abrigo:

Segue um período de sucessivas mudanças. Silvia, após o nascimento de sua filha, muda-se para um abrigo com ambos os filhos, até que consegue obter a saída de seu marido do apartamento, de sua propriedade, presente de seu pai. Volta a residir lá e ele fica impedido de aproximar-se, mas surpreendentemente consegue obter visitas à filha que já contava com três anos, apesar de que outra medida judicial o mantinha proibido de se aproximar em certo raio da ex-esposa. Esta

situação paradoxal acabou por pô-la novamente em um mínimo contato com ele, pois apesar de ser uma amiga que lhe entregava a criança, na porta do prédio, desencadeou-se um vai e vem de informações. A criança que inicialmente pedia pelo papai e até enfrentava a mãe com raiva, passou a não querer mais ir às visitas. Os boletins de ocorrência na Polícia geravam intimações e audiências de tempos em tempos e Silvia lutava por interromper as visitas do pai à menina, que passarei a me referir por Iara. A Justiça entendia que, embora ele não tivesse se mostrado um bom marido, poderia ser adequado na parentalidade, mas a pequena menina já mostrava variados desconfortos.

As visitas foram suspensas, depois novamente retomadas e Silvia foi invadida por uma sucessão de pesadelos noturnos, neste vai e vem da retirada de sua filha da residência materna, para que a menina fosse às visitas ao pai, determinadas judicialmente. Sonhou com um ladrão na porta do apartamento, em uma cena de perseguição, espreitando para fazer o mal. Conversamos, ela tomou uma medida concreta: contratou o chaveiro para colocar três fechaduras reforçadas e passou a dormir mais continuamente.

Vejamos alguns sonhos de Silvia, que continham um aspecto estrutural recorrente. Silvia, certa noite, foi dormir muito cansada. Disse não ter mais “*susto, nem medo*”, estar gostando de seu trabalho com meninos abrigados e que andava escrevendo “*demais*”. Foi deitar após colocar as crianças para dormirem às 21h30 e teve o seguinte sonho, acordando à 1h40:

Eu estava em um lugar que falava sobre teorias da vida. Uma mistura de pessoas, que abordavam temas de religião, filosofia, temas de educação. Colocavam o Geraldo (nome fictício para o ex-marido) para falar comigo no telefone e eu não falava e escutava o que ele estava falando, algo relacionado à Iara (filha) e depois a voz dele foi ficando longe e a voz sumia. Ele começava a falar e depois a fala dele era interrompida, parecia que não saía mais a voz dele. Ele tentava falar e a voz dele sumia. Virava para uma pessoa e falava várias coisas relacionadas ao tema da violência. Eu ia dando

justificativas para isto. Eu entendia deste tema da violência, ia encontrando o porquê ele fazia isto, o que estava por detrás, o que vivi. Tá vendo como a fala dele não tem propriedade, a fala dele não tinha mais força. Falei, falei, falei e quando acordei, o meu coração estava acelerado. Ele ficava espreitando para fazer alguma maldade e neste sonho era ao contrário, nem a fala dele tinha força para mim, mas mesmo assim acordei com o coração acelerado porque a mera lembrança dele, a imagem dele me deixa ansiosa.

Estes sonhos em que Silvia se via ameaçada pelo ex-marido e acordava com manifestações corpóreas, principalmente taquicardia, foram bastante frequentes. Em relação a este acima relatado, Silvia sentia que havia feito uma blindagem dentro dela, que não mais permitiria a violência. Pode estabelecer limites a um adolescente inoportuno no grupo, onde trabalha. Enfatizou, neste momento, que não quer ser violenta e que não precisa de ninguém violento.

Sonhos de mesma estrutura brotaram e Silvia os relatava com grande envolvimento. Vejamos alguns deles:

1) *Sonhei que estava andando num local onde estava acontecendo uma guerra, era um chão de terra batida e várias pessoas se escondiam atrás de morros de terra para se protegerem dos bombardeios daquele lugar. De repente olhei para frente e me assustei, fiquei com muito receio quando percebi que o meu ex-marido me observava com um olhar de muita maldade. Tinha a impressão de que ele tramava algo para que eu perdesse minha vida. (Acordou com taquicardia).*

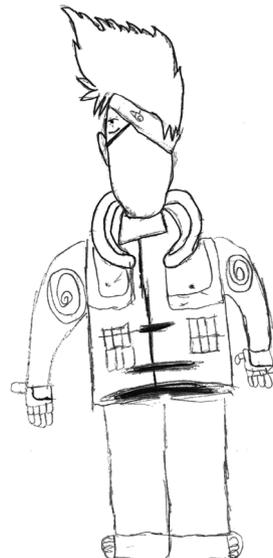
2) *Sonhei que estava numa casa de praia, era noite e o local era aparentemente aconchegante. De repente, eu abria uma porta-janela do local onde eu estava e olhava para a sacada que dava para um mar verde muito escuro e assustador que avançava em minha direção. Eu sentia muito medo, mas percebia que não tinha como correr porque se aquele mar avançasse, deixaria tudo submerso. De repente, o mar formou um paredão na minha frente e começou a escoar como se fosse um córrego que voltava para ele mesmo (o mar). Me sentia salva. (Acordou com taquicardia).*

3) *Sonhei que estava em um lugar onde havia muitos gatos, todos eles foram coloridos. Não gosto da sensação de estar lá, porque não gosto de gatos, eles são taciturnos e assustadores, mas quando eu vi que eles eram coloridos me sentia um pouco mais tranquila naquele local, que aparentemente estava escuro, um lugar onde o lixo era depositado em um bairro ou alguma coisa. De repente, a Iara (filha) apareceu e disse que queria ficar com o pai dela. Para mim, escutar aquilo era muito assustador. (Acordou com taquicardia).*

Disse-lhe que era importante viver no dia para não viver à noite, ou seja, que era importante perceber o medo pelo que passavam, com a sensação de que algo violento e grave pudesse a qualquer momento ocorrer.

Estes sonhos foram ocorrendo na mesma época em que Pedro (filho) enviou-me o desenho do samurai (mangá), por meio de sua mãe, dizendo que queria que eu olhasse o desenho e não a sua psicopedagoga de mesmo nome que eu. Disse: “Fale com a Maria Luiza que este desenho é para ela analisar. Fiz para ficar lá. Eu quero que a Maria Luiza da mamãe cuide de mim”. Penso que isto se dava porque foi comigo que ele falou da violência sofrida em casa e me trouxe o desenho dos “chicotes”, acima exposto, na época dos “chicotes” da violência, cinco anos antes.

Figura 2 - Samurai (mangá).



Fonte: Dados da pesquisa

O desenho do samurai (Figura 2) traz marcas nos braços da figura (em formato de espiral), na altura dos ombros. Ressalto que Geraldo, o ex-marido, colocava Pedro de castigo com as duas mãozinhas e braços para trás, segurando-o pelos ombros. Estariam estas marcas relacionadas aos castigos sofridos? Uma inscrição no corpo como linguagem da violência sofrida individualmente e por todos de sua unidade familiar?

Figura 3 - Detalhe dos olhos do samurai (mangá).



Fonte: Dados da pesquisa

Observe que, nas Figuras 2 e 3, um olho volta-se para a esquerda do papel (olha para o passado?); o outro está tapado (seria o que ele não vê de si mesmo? Falta-lhe uma parte da visão da realidade?); e há um terceiro na testa (uma terceira visão?). Falamos em buscar esta 3ª visão (o que pode ser visto) e ela, Silvia, mostrou-se muito interessada na proposta.

Silvia contou-me em sessão sem as crianças que o ex-marido estava para receber um mandado de prisão, porém que nada disto ela tinha informado às crianças, que pareciam saber ou perceber tal fato, pois na sessão seguinte estavam a brincar de Polícia e Ladrão, em um jogo lúdico de corpo em que Pedro perseguia e rendia Iara. Mocinho e bandido reproduziam a cena da prisão. A mãe queria poupá-los da notícia, porém esquecia-se de que se comunicavam também por uma via latente, oculta, subliminar, inconsciente ao grupo. Deste modo, todos os membros desta família falavam sobre a dor da violência e a necessidade de controlá-la, quem sabe pela perseguição e prisão.

René Kaës (2004) apontou que um sonho relatado em uma sessão de terapia conjugal precisa ser olhado como uma expressão grupal e não somente como uma manifestação pessoal do indivíduo que teve o sonho, em particular.

O sonho é visto por Kaës como experiência criativa, reparadora e transformadora e o autor propõe a passagem do espaço intrapsíquico do sonho para um espaço interpessoal, criando a noção de espaço psíquico onírico comum e partilhado: uma criação individual tecida na intersubjetividade. Deste modo, torna-se possível na visão do autor, realizar uma leitura dupla do sonho: uma a partir da concepção do sonho como formação intrapsíquica produzida necessariamente por um sonhador individual e outra que interroga o sonho (em suas condições, seus processos e conteúdos) a partir de um espaço onírico comum e compartilhado, denominado espaço intersíquico. Penso que cabe lembrar que a ação de interpretar o sonho como sendo do casal ou da família e não do indivíduo não se dirige a indivíduos que se encontram em confinamento psíquico.

No caso apresentado desta família, as manifestações somáticas da sonhadora, a expressão corporal gráfica do menino e o jogo corporal lúdico dos irmãos se relacionam com a dinâmica psíquica vivida em família, no contexto da violência doméstica. Nenhuma destas manifestações poderia ser compreendida isoladamente, relacionada a um único sujeito.

III - Resiliência e renovação:

Desde o início dos estudos na área da saúde mental, resiliência é definida como a capacidade latente para se curar, como a capacidade para sobrepor-se à adversidade. Pessoas dotadas dessa capacidade podem ser abatidas pelas vicissitudes da vida, mas retomam sua integridade, podendo se tornar mais fortes e mais resistentes ainda. (ARAÚJO; MELLO; RIOS, 2011, p. 7).

Nesta fase de maior crença na vida e nas relações como rico intercâmbio e oportunidade de desenvolvimento pessoal e grupal, Silvia disse: *“Estou conseguindo viver durante o dia. Consigo falar estas questões que estou sentindo. Estou dormindo melhor, estou fisicamente melhor. Eu não acordo mais à noite com o coração pulando, não mais”*.

Seus sonhos mudaram. Contém esperança de novos relacionamentos e a figura masculina agora parece amistosa. Comentou que a Síndrome do Pânico (sic) havia ido embora e trouxe-me o seguinte sonho:

Eu estava em uma sala com sete mulheres, com véu, burca, renda, roupa por baixo. Estavam presas nas burcas, que cobrem os corpos, presas em círculo, olhando para cima, o teto abria e ela via o sol entrando. Dava a impressão de que nós mulheres estávamos procurando a porta de saída deste espaço para ir à área interna. Mulheres com burca de renda por cima.

Silvia acordou e fez o desenho a seguir:

Figura 4 - Mulheres com burca.



Fonte: Dados da pesquisa

Vínhamos conversando sobre como ela não deixava evoluir um novo relacionamento, com medo da própria sensualidade. Contou que se sentiu atraída por um colega de trabalho. Acredita que vai superando cada dia mais alguma coisa. Mencionou ter a sensação de que tem nela uma criança que ainda não cresceu. Disse: *“Estou crescendo e dentro de mim tem uma criança desamparada”*.

Falamos sobre ela voltar para casa e não encontrar uma companhia adulta e sentir-se só, já que em casa encontra crianças somente. Disse: *“Crianças que já estão pensando em namorar e eu nada”* (ri). Contou que o filho já está interessado em menina e que a filha, com cinco anos, tem

namorado – sabe o telefone de cor da mãe dele, a *“sogra”*. Quando inquirida pela mãe sobre como ela sabe de cor o número dele, ela disse: *“Ele é meu namorado”*. Iara tem cinco anos e vê o garoto e suspira por causa dele.

Silvia menciona que antes, sua filha dizia: *“Eu vou ser igual à mamãe, eu nunca vou querer me casar”*. Agora Iara pode ter um namorado quando a mãe também começa a se interessar novamente por sua vida amorosa e a se cuidar? A mudança, neste momento, se propaga por todo o grupo. Segundo Silvia, Pedro está tirando dez em tudo na escola. Ela mencionou que ele está se destacando como melhor aluno da classe, que consegue responder às perguntas, está gostando de ler, pegando o gosto por estudar, investigar, pesquisar. Silvia está se arrumando e se maquiando para ir ao trabalho e passou a fazer as unhas. Arrumou um amigo especial do qual não tem medo e se põe à vontade e tem passeado com ele. Sonhou novamente com as mulheres de burca, porém, desta vez elas usavam *“meia burca”*, tendo o corpo exposto e a burca só na região da cabeça, em uma cena em que um homem ajudava a abrir o teto. Está com vontade de estudar. Está sentindo-se mais rica, apesar de assustada. Conseguiu um emprego novo, melhor remunerado, do qual está gostando. Indo a pé e comendo menos, emagreceu 13 kg e se assustou porque olhava no espelho e não se reconhecia. Os elogios também a assustavam e os achava um pouco estranhos. Sua filha quer casar; seu filho quer desenhar a realidade que vê (deixa o tema do duelo) e lhe pediu que o levasse a um curso de desenho. Formada em dois cursos universitários, ingressou recentemente em um MBA em Ciências Sociais à distância. Pode-se dizer que estão todos desenhando, a várias mãos, um mundo mais atraente.

Considerações Finais

Este trabalho buscou focalizar o funcionamento psíquico grupal de uma família, concebido como algo que transcende as psiques individuais dos elementos do grupo familiar. O grupo compôs, então, uma unidade que pode ser

vista como um corpo familiar, no qual todos os seus participantes conectaram-se, em sincronia, em torno de um tema carregado de afeto.

Nas famílias que possuem um membro portador de sintoma, em que esse elemento é tratado como o que tem o problema, esses mecanismos ficam evidentes. Tão logo se possa estar mais íntimo do grupo familiar, o profissional facilmente observará que os demais estão implicados na formação de sintoma local na família, expressa por um de seus membros. Assim, em uma família envolvida com o tema da violência doméstica, todos os seus membros encontram-se afetados e de algum modo participando do ciclo da violência.

No caso analisado de Silvia e seus filhos, vimos como as manifestações individuais de cada um dos elementos se conectavam em linguagem comum: todos eles, de acordo com sua posição no grupo e faixa etária, manifestavam a dor de se sentirem vitimizados pela violência sofrida. Conteúdos vividos na ancestralidade conduziam uma mãe a reproduzir uma vivência opressiva do novo marido, em elo com a nova geração, em que mente e corpo grupais urgiam por libertarem-se. Buscavam por uma solução, instaurando um fluxo de imagens que era de um, mas também do outro, sendo os sonhos, a brincadeira e os desenhos, tentativa de linguagem, em esforço por trazer o que era inconsciente ao grupo, à consciência para todos.

Como saída do contexto do sofrimento, o corpo familiar buscava um senso de pertencimento de natureza diversa do anteriormente já vivido e tal mudança foi possível, quando o sintoma físico e as manifestações dos membros da família puderam ganhar inteligibilidade. Os membros do grupo familiar moveram-se de um estado de sofrimento intenso para uma condição mais gratificante, em um percurso que contou com um movimento simultâneo de cada elemento da tríade (mãe e seus dois filhos) com o do corpo psíquico familiar grupal.

Referências

- ANZIEU, D. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- ARAUJO, C. A. de; MELLO, M. A.; RIOS, A. M. G. *Resiliência: teoria e práticas de pesquisa*. São Paulo: Ithaca Books, 2011.
- BARRETO, A. de P. *Terapia comunitária passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
- BION, W. R. *Experiências com grupos*. 2. ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.
- BLEGER, J. *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- DIAS, M. L. Transmissão psíquica transgeracional e violência intrafamiliar. In: DIAS, M. L.; SEIXAS, M. R. D. *A violência doméstica e a cultura da paz*. São Paulo: Roca, 2010. cap. 8, p. 61-75.
- EKSTERMAN, A. Psicossomática: o diálogo entre a Psicanálise e a Medicina. In: MELLO FILHO, J.; BURD, M. *Psicossomática hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. cap. 8, p. 93-105.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 87-179. (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18).
- KAËS, R. *Espaços psíquicos compartilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KAËS, R. *La parole et le lien: processus associatifs dans les groupes*. 3. ed. Paris: Dunod, 2010.
- KAËS, R. Lógicas del inconsciente e intersubjetividad: trazado de una problemática. Lógicas colectivas prácticas vinculares. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, Buenos Aires, v. 32, n. 2, p. 81-115, 2009.
- KAËS, R. *O aparelho psíquico grupal*. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- KAËS, R. *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- KAËS, R. *Polifonia do sonho*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

KAËS, R. *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *In: KLEIN, M., HEIMAN, P., ISAACS, S., RIVIERE, J. Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. p. 311-343.

PICHÓN-RIVIÈRE, E. Tratamento de grupos familiares: psicoterapia coletiva. *In: PICHÓN-RIVIÈRE, E. O processo grupal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 39-45.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo, SP: Cultrix, 1993.

ZIMERMAN, D. E. *Bion: da teoria à prática: uma leitura didática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em: 29 abr. 2019

Aceito em: 15 nov. 2019